

Uma Breve Introdução à Pesquisa sobre Paz Transracional e Método de Transformação de Conflito Elicetivo

Autor: Prof. Wolfgang Dietrich

Tradução de Neuza L. R. Vollet

RESUMO

Este artigo é uma síntese da trilogia do autor, “Muitas Pazes”, que consiste em 1.200 páginas em sua versão original. A obra foi publicada por Palgrave Macmillan em Londres, 2012-2013, sendo que o terceiro volume ainda está por ser lançado.

Trata-se de uma ampla gama de interpretações da paz na história e cultura, divididas em cinco famílias de pazes - percepções e compreensões das pazes energética, moral, moderna, pós-moderna e transracional.

Este trabalho aprofunda a filosofia de paz transracional e deriva da famosa pirâmide de conflito de John Paul Lederach um entendimento sistêmico mais amplo do conflito como um fenômeno relacional. Além disso, oferece uma ferramenta para a análise desses processos complexos que ocorrem nas “fronteiras de contato em movimento” humanas – o modelo de pirâmide ampliada com temas, níveis e camadas.

E, por fim, introduz a ressonância, correspondência e homeostase como princípios de mapeamento de conflito elicetivo, o conjunto de ferramentas metodológicas para o trabalho de conflito aplicado.

1. O que é Filosofia da Paz Transracional?

A pesquisa sobre a paz transracional é um termo relativamente novo criado na Cátedra UNESCO de Estudos de Paz da Universidade de Innsbruck, no início deste milênio. É resultado de nossa pesquisa sobre as diferentes percepções e interpretações da paz na história e na cultura. Encontramos quatro grupos dominantes de interpretações, que denominamos famílias de pazes: energética, moral, moderna e pós-moderna. Cada uma circula em torno de um valor chave específico: a paz energética tem tudo a ver com harmonia; a interpretação moral enfatiza a justiça; o entendimento moderno de paz solicita segurança e a abordagem pós-moderna lida com a questão da(s) verdade(s).

Uma vez que nenhum desses valores surge isolado na vida social, tentamos combiná-los de maneira holística e identificamos o equilíbrio dinâmico dos quatro aspectos como um conceito de paz mais amplo, que então chamamos *trans-racional* porque avalia com precisão e aplica a racionalidade da ciência moderna, embora transgrida seus limites e abarque holisticamente todos os aspectos da natureza humana para sua interpretação da paz. É racional e muito mais; é, por exemplo, emocional, mental e espiritual (Dietrich 2008

p.319-405). A pesquisa sobre a paz transracional como um empreendimento acadêmico diz respeito ao encontro, relações, estilos de comunicação e comportamentos dos seres humanos, entendidos como as chamadas *fronteiras de contato em movimento* da terapia Gestalt (Quitmann 1996 p.109-111). Se e quando esses encontros nas fronteiras de contato são perturbados, então os episódios caracterizam-se como “conflitos”, de acordo com a linguagem comum. Estamos em busca de métodos adequados para lidar com tais conflitos no interior da moldura conceitual lógica da epistemologia transracional.

Tomamos emprestado o termo *transracional* de Ken Wilber (1995), cuja visão filosófica é uma das nossas muitas inspirações, mas não uma diretriz. A escola de Innsbruck não se configura como um ramo da abordagem integrativa de Wilber. Não compartilhamos a epistemologia evolucionista. Entretanto, adotamos sua famosa matriz do interno e externo, respectivamente aspectos individuais e coletivos da orientação humana, como fundamento para nosso modelo da inter-relação das famílias de paz e suas combinações para o equilíbrio dinâmico que denominamos *Pazes Transracionais*:

Interior Energética e Pós-moderna	Exterior Moral e Moderna	
<i>Intencional</i> <i>Paz que deriva da Harmonia</i>	<i>Comportamental</i> <i>Paz que deriva da</i> <i>Segurança</i>	Singular (individual)
<i>Cultural</i> <i>Paz que deriva da Verdade</i>	<i>Social</i> <i>Paz que deriva da Justiça</i>	Plural (coletiva)

Figura 1: A Matriz das Pazes Transracionais (Publicado em Dietrich 2008 p.385)

Enquanto a matriz é uma tentativa de apresentar de maneira resumida um trabalho de pesquisa elaborado em mais de uma década, o empreendimento acadêmico será relevante apenas se puder ser aplicado na prática do trabalho de paz e conflito. Com esse objetivo, relacionamos nossas descobertas à obra orientada à práxis de John Paul Lederach (1997 p.30), que derivou da Bíblia um padrão semelhante ao nosso no início de sua carreira. No Salmo 85:10 encontra-se o seguinte: “O amor e a fidelidade se encontrarão; a justiça e a paz se beijarão.” Baseando-se no Salmo, Lederach traçou sua matriz dos quatro valores básicos: verdade, misericórdia, justiça e paz, e a denominou “Um lugar para a Reconciliação” (“A Place of Reconciliation” Lederach 1997 p.28).

Ainda mais importante para a pesquisa sobre a paz foi sua pirâmide de conflito muitas vezes copiada e diversificada. Na versão original, essa pirâmide (Lederach 1997 p.39) indica que todos os atores de um sistema disfuncional ou conflituoso interagem por todos os vários estratos sociais, desde a base popular até o segmento médio dos dirigentes regionais e líderes aos chefes de estado, e que todos são relevantes para o processo de transformação que segue a experiência da violência.

Portanto, de acordo com Lederach, os atores precisam ser abordados de maneira contextual, empregando-se formas adequadas de intervenção. O seu mérito mais importante, conseqüentemente, foi deslocar a atenção do individual ou do grupo para a relação, como sendo o fator chave do trabalho de conflito. Ao fazê-lo, seu modelo tornou-se um impulsionador pioneiro da transição do pensamento mecanicista para sistêmico nos estudos de paz e conflito, que é crucial para o desenvolvimento da pesquisa sobre a paz transracional. A versão original da pirâmide de Lederach era a seguinte:

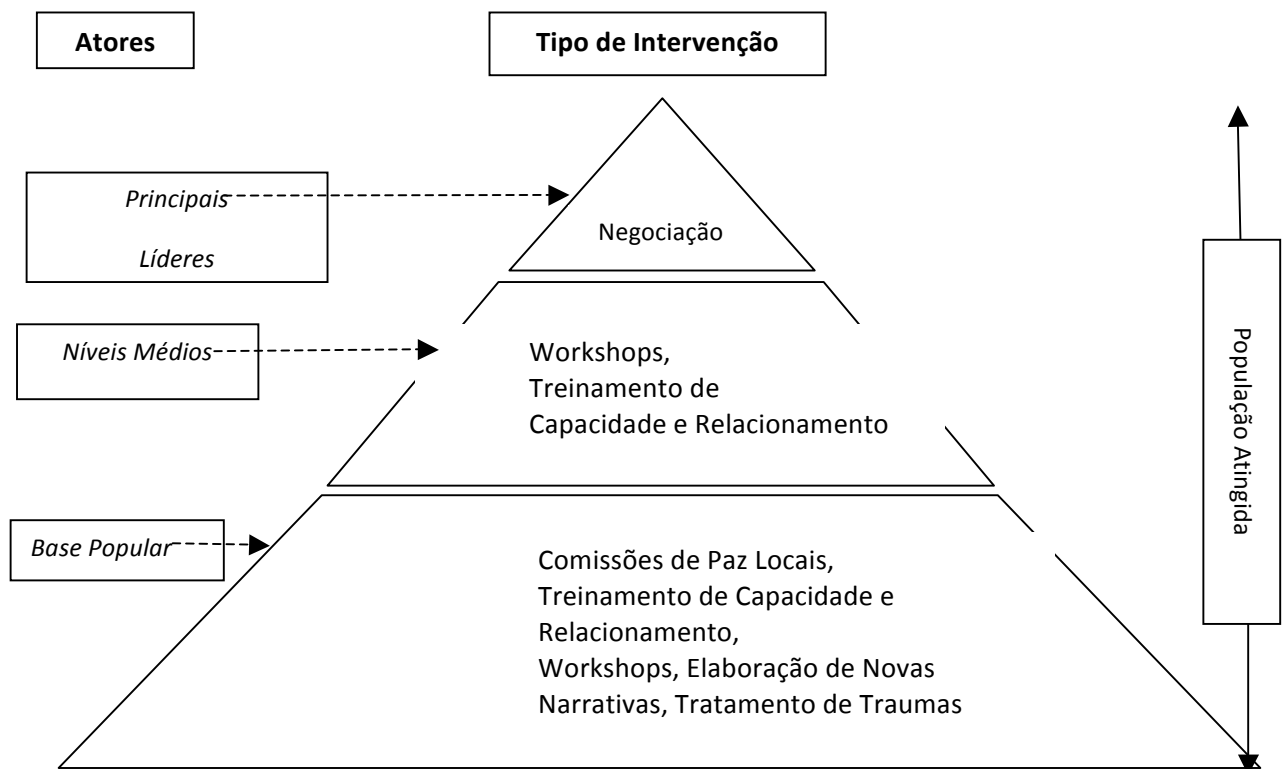


Figura 2: Pirâmide de Lederach, versão original (Lederach 1997 p.39)

A princípio, a pirâmide de Lederach foi apresentada nesta visão lateral rigorosamente vertical. Os quatro valores bíblicos foram incluídos apenas de modo implícito no diagrama que, conseqüentemente, era bidimensional. Entretanto, Lederach (1997 p.82 e 2003 p.27) expandiu para uma quarta dimensão o famoso triângulo de Johan Galtung (1990 pp.291-305), que representa a violência física, estrutural e cultural. Dividiu o aspecto físico de Galtung em pessoal e relacional. Portanto, reconheceu a conexão entre os processos internos de uma pessoa e as relações sociais, que por sua vez consistem em situações imediatas, um contexto mais amplo e uma camada mais profunda de percepção, interpretação e ação. A necessidade inevitável e constantemente renovada de escolhas

responsáveis assumidas por pessoas livres, por conseguinte, tornou-se o fundamento sistêmico do trabalho de conflito. Assim nos inspiramos a expandir a pirâmide de forma a representar os quatro quadrantes, “pessoa”, “estrutura”, “relação” e “cultura”, em lugar de uma estrutura bidimensional. Vista de cima, a pirâmide seria assim:

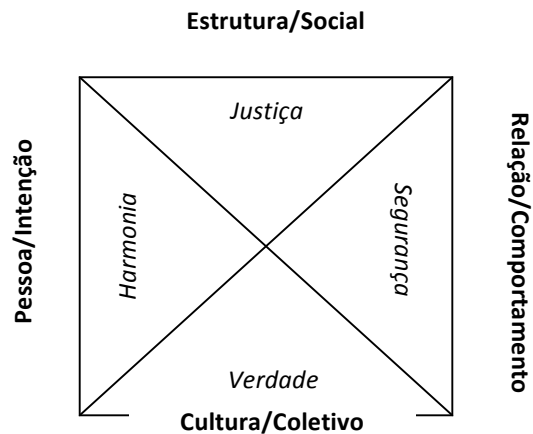


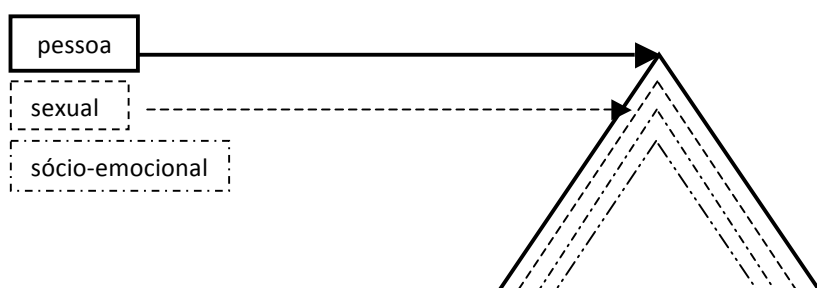
Figura 3: A pirâmide de Lederach ampliada para o modelo transracional tridimensional; vista de cima.

De acordo com Lederach (2003 p.10/11), a partir daí é possível considerar-se a existência humana como uma fronteira de contato em movimento, beneficiando-se das realizações da psicologia humanística, ao mesmo tempo em que inicia a espiral do episódio para o epicentro de um conflito. O episódio é aquilo que percebemos como a situação imediata e visível na superfície de um conflito. O epicentro, que consiste na força motriz da vida, só pode ser encontrado além das camadas mais profundas do Ego das pessoas envolvidas. É preciso um olhar bem treinado e muita empatia para enxergar além dos problemas apresentados e assim desvendar os padrões mais profundos de relacionamento, incluindo o contexto em que o conflito se expressa. Segue-se conseqüentemente que as questões intrapessoais relativas ao desejo sexual, sentimento de inserção num grupo social, laços emocionais e consciência mental tornam-se temas na pesquisa de paz e trabalho de conflito tanto quanto as esferas interpessoais da família, comunidade, sociedade e policidade global. A correspondência das dimensões interior e exterior é aprofundada para cada aspecto. O significado transracional da pirâmide, ou seja, do conflito, não pode ser entendido com base em um episódio na sua superfície. A pessoa, da forma como é apresentada por Lederach, corresponde ao individual e ao interior que, em transracionalidade, é o quadrante energético da paz derivada da harmonia.

Os indivíduos em sua maioria percebem a paz como um fluxo harmonioso de todas as coisas existentes, desde que não sejam interpelados a respeito de valores e normas religiosas, culturais, sociais ou políticas. Por essa razão, no diagrama, o quadrante da paz mediante a harmonia é referido como a passagem para as camadas por trás da persona.

Vemos, assim, a correspondência entre os processos internos e as relações sociais de uma pessoa - relações que, por sua vez, consistem em situações imediatas, um contexto mais amplo e uma camada mais profunda de percepção, interpretação e ação. O desejo de paz mediante harmonia conduz da camada mais externa à próxima camada mais profunda. As camadas interiores afetam as exteriores como promotoras ou perturbadoras da harmonia e vice-versa. Dessa forma, a pirâmide deve ser vista como uma boneca matriosca ou uma caixa chinesa. Em seu interior, há pirâmides menores do Ego e do Eu como um epicentro de multicamadas. Franz Ruppert (2002 p.49) sugere as seguintes camadas terapêuticas entre o episódio social e o epicentro energético: sociedade, parentesco, núcleo familiar, sujeito, corpo, órgãos, células e átomos. Em sua variante mais radical, essa reflexão envolve todas as camadas concebíveis, desde a atômica até a cósmica. Entretanto, no que concerne à pesquisa sobre paz e conflito como uma ciência social, é desafiador o bastante considerar as camadas que, inequivocamente, infiltram-se através da máscara da pessoa e contribuem de maneira evidente para o episódio do conflito na superfície.

Para nomear as camadas que subjazem a superfície material e pessoal, refiro-me à ideia do chacra da Tantra Yoga, na tradição Patanjali e Shankara (Bharati 2001 pp. 59-431). De acordo com essa filosofia, há uma camada sexual, sócio-emocional e mental que subjaz a superfície material e pessoal, o episódio da fronteira de contato em movimento do Ego. Além (no interior) da camada mental, existe a camada espiritual, que já não se refere mais ao Ego, mas ao que a Filosofia da Yoga chama de Eu (Self), o aspecto que permanece depois do desmantelamento de todas as camadas do Ego. A camada espiritual é principalmente acessível a todas as pessoas porque é uma propriedade humana natural e potencial; porém, falar dela significativamente com palavras é muito difícil, uma vez que é trans-racional, está além da razão. A mente não possui palavras para expressá-la, embora experiências de culminância e de paz ocorram precisamente lá, onde o Ego é retorcido, ou seja, quando, por um instante, a unidade primordial, harmoniosa e eterna do indivíduo e da existência universal é vivenciada pelo ser humano. Portanto, a pesquisa sobre a paz precisa levar em conta a alta relevância para todos os temas, relações e ações desse aspecto humano que, no entanto, não pode ser abordado nem definido de modo apenas racional. É preciso adotar métodos e entendimentos transracionais. Descortina-se, assim, um curioso capítulo para a pesquisa sobre a paz. Tentei articular esse modelo das camadas adicionando uma seção lateral à pirâmide de Lederach. Com isso, não identifico categorias empíricas, mas sugiro um padrão visual de análise e descrição:



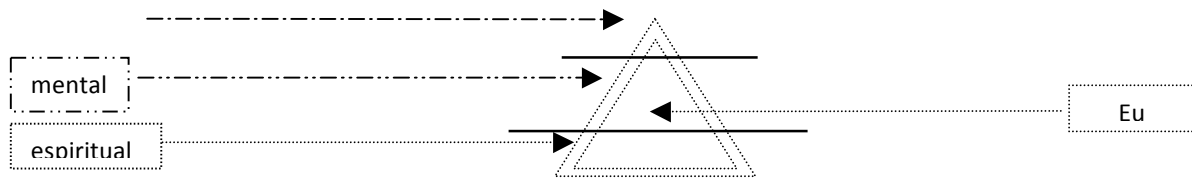


Figura 4: As camadas intrapessoais da pirâmide de Lederach; vista lateral (publicado em Dietrich 2011 p.355)

Continuando com o princípio da boneca matriosca, as camadas internas da pirâmide possuem os campos horizontais e as dimensões verticais da superfície material-pessoal. As camadas matrioscas são conectadas e interagem, ou seja, não estão empilhadas simplesmente umas sobre as outras permanecendo separadas. Ao sobrepor minha própria matriz da paz transracional com o conceito de Lederach, o resultado são as imagens abaixo, nas quais a conexão inextricável entre o interior e o exterior e os processos individual e coletivo na fronteira do contato humano em movimento torna-se aparente. Essa interpretação da pirâmide combina a noção de pazes transracionais à abordagem prática de Lederach. O primeiro passo é apresentar uma vista do alto das camadas contidas na figura acima:

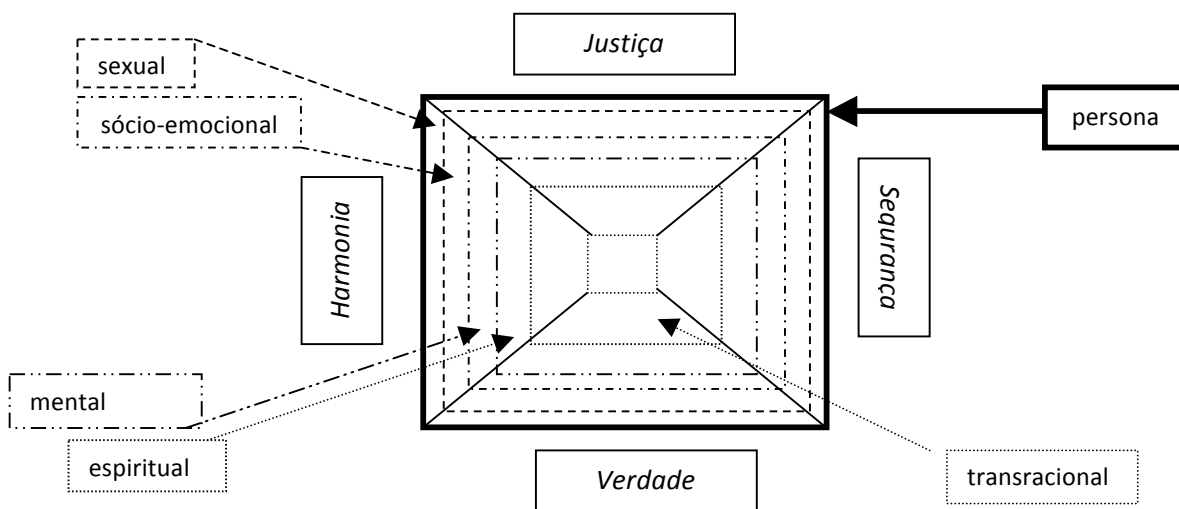


Figura 5: As camadas intrapessoais da pirâmide de Lederach; vista de cima (publicada por Dietrich 2011 p.356)

Praticamente todas as escolas da psicologia humanística descrevem as estratificações intrapessoais que são, de maneira notável, similares às estratificações sociais. Esse também é o pressuposto básico do princípio de correspondência Tântrico. Sou seguidor delas. As camadas localizadas fora da superfície pessoal e material da persona podem ser chamadas de camadas da família, comunidade, sociedade, policidade e globalidade. A não ser pelo termo policidade, todos os demais são amplamente aplicados na psicologia

sistêmica e transpessoal (Ruppert 2002 p.49), e entendidos no discurso do dia a dia. Policidade é uma palavra artificial. Nós a cunhamos para expressar a consciência humana primordial da nossa existência no tempo e espaço físico que é a precondição para a compreensão mental de nós mesmos como seres sociais e de qualquer ideia acerca da organização social.

Todas essas camadas influenciam de modo silencioso os conflitos interpessoais à medida que surgem na superfície visual da persona. Ou seja, se eu tiver um conflito pessoal com alguém, minha família, parentesco, sociedade e policidade desempenham um papel invisível e silencioso, mas significativo. O mesmo pode ser dito para as camadas intrapessoais. Os aspectos sexuais, emocionais, mentais e espirituais de minha personalidade influenciam o comportamento na superfície e meu desempenho num conflito. Nenhum episódio pode ser entendido como um conflito estritamente interpessoal ou intersocietal, mas sempre transpessoal ou trans-societal - o distúrbio do equilíbrio relacional no interior de um único sistema. Como um segundo passo, portanto, adiciono ao diagrama acima aquelas camadas que estão localizadas fora da superfície ou máscara, de uma persona. Nesta abordagem pragmática, considero o princípio Tântrico da correspondência: o que se passa no interior é refletido no exterior. Com isso, chego ao diagrama final e completo da *Paz Transracional*.

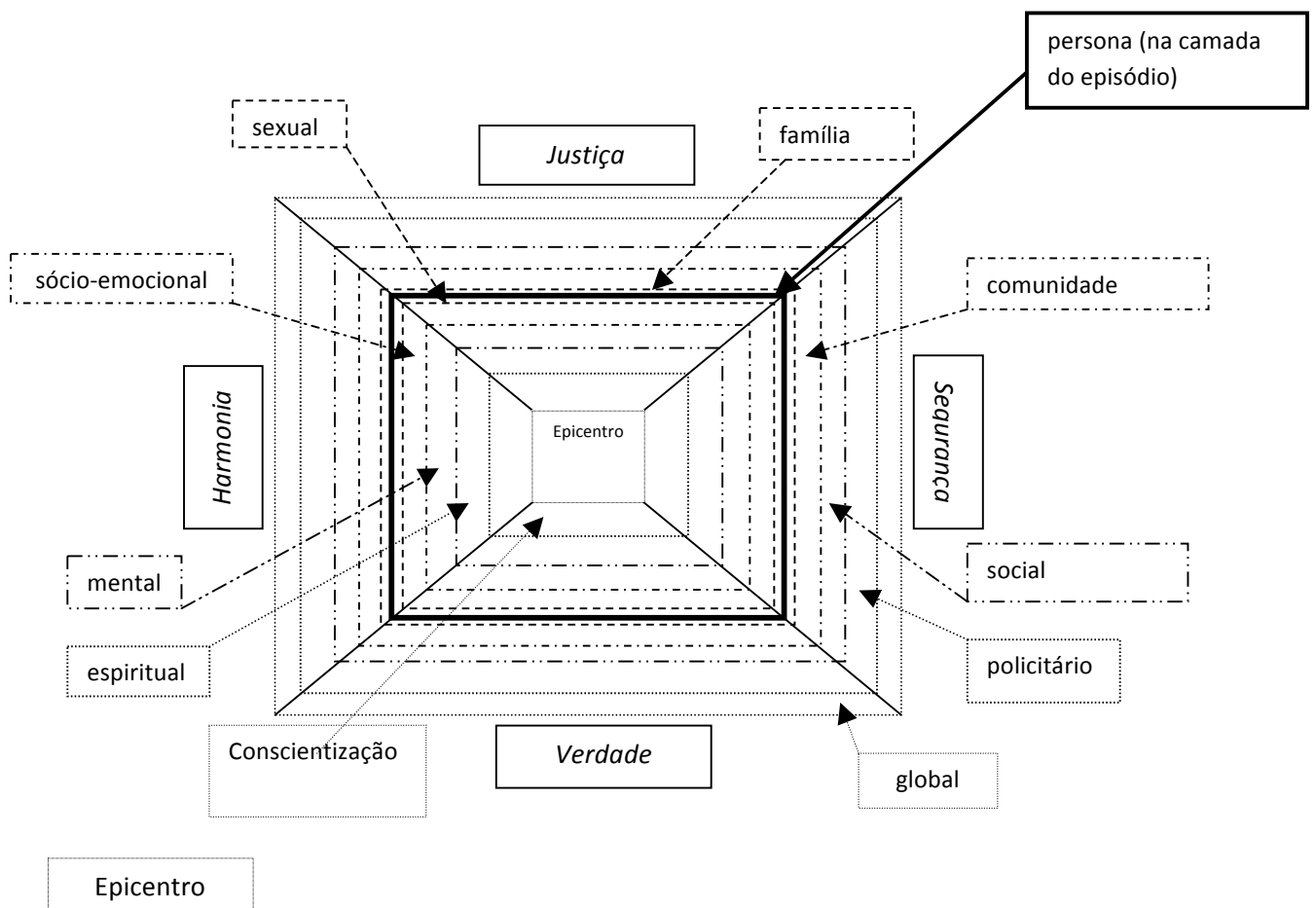


Figura 6: As camadas inter e intrapessoais da pirâmide de Lederach: O diagrama da Paz Transracional; vista de cima (Publicado em Dietrich 2011 p.357).

De suma importância para a compreensão deste diagrama é o princípio da homeostase sistêmica, que aqui aparece simplesmente como um aspecto de equilíbrio. A figura 6 precisa ser vista como uma planta baixa metafórica da pirâmide de Lederach, concebida flutuando nas correntes da vida. Se um dos lados estiver sobrecarregado, a construção virá abaixo. Da mesma forma, se um único aspecto for enfatizado em demasia no trabalho de conflito, como, por exemplo, a segurança, então a harmonia será enfraquecida e a verdade e a justiça serão desestabilizadas. Aplicável a todas as combinações, o sistema desmorona assim que um ponto da bifurcação é alcançado. Pela mesma razão, uma construção virá abaixo, um barco vai adernar, quando os pisos superiores apoiarem-se demasiadamente nas fundações; entretanto, trabalhar apenas nas fundações significa que nunca haverá um teto. Aplicada ao trabalho de conflito, essa metáfora enfatiza a importância de serem consideradas todas as inter-relações individuais e sociais no sistema do conflito, assim como todos os níveis da pirâmide. Afinal, nem mesmo o ornamento mais delicado sobreviveria se as paredes fossem instáveis ou se não estivessem assentadas numa fundação sólida. Assim, todas as camadas categorizadas anteriormente são relevantes. Enquanto trabalhamos numa, não deveríamos perder de vista as outras, pois o desequilíbrio entre elas pode fazer desabar o sistema inteiro. Para dar um exemplo extremo, poderíamos pensar em alguém trabalhando exclusivamente na camada espiritual e negligenciando as camadas sociais e intelectuais.

É possível fazer objeções e sugerir que o modelo da pirâmide, com seus níveis verticais, temas horizontais, camadas intrapessoais e interpessoais, todos conectados pelo desejo de harmonia, seja demasiado complexo para ter alguma aplicação prática. Essa objeção até pode ser justificada, em especial com relação à minha ênfase de que, quando consideradas num contexto relacional e situacional, elas não são categorias claramente distintas, mas apenas ferramentas comuns e sobrepostas para uma compreensão significativa. Entretanto, considerando-se que os sistemas sociais são inevitavelmente dinâmicos e, gostemos ou não, complexos, essa racionalidade tem um alcance extremamente limitado. Em consequência, o trabalho de conflito que toma como foco o epicentro do contexto em vez da superfície do episódio, não deve se limitar a uma racionalidade reducionista. A complexidade das inter-relações sociais só pode ser descrita em termos transracionais. Por conseguinte, a pesquisa sobre a paz transracional não pode limitar o uso de suas metodologias aplicadas à engenharia racional de conflitos. São necessários métodos que contemplem todos os aspectos da natureza humana porque todos esses definem os conflitos e a maneira de lidar com eles. Os trabalhadores de conflitos necessitam de um conjunto de ferramentas que lhes permita aplicar a racionalidade, e também de métodos que

operem nas camadas sexuais, emocionais, mentais e espirituais correspondentes às camadas da família, comunidade, sociedade e policidade. Esses métodos devem ser eficazes nas camadas subconscientes, conscientes e superconscientes. Encontramos esse conjunto ideal na abordagem de John Paul Lederach à Transformação de Conflito Elicitiva, que opera principalmente com as realidades presentes e suas inter-relações sistêmicas complexas. O recurso mais importante para o trabalho de paz sustentável é a teia relacional das pessoas envolvidas.

2. O que é Transformação de Conflito Elicitiva?

O adjetivo *elicitive* não aparece em nenhum dicionário padrão da língua inglesa. Lederach (1995 p.37-73) deriva a palavra do verbo “to elicit”, com o significado de induzir ou evocar. O termo foi usado em primeiro lugar na terapia Gestalt e na psicologia humanística como um sinônimo para evocativo. Refere-se ao processo em que os terapeutas oferecem uma moldura conceitual, mas não uma diretriz para a transformação do cliente (O'Connor and Seymour 1992 p.92). Isso diz muito sobre seu uso nos estudos de paz e no trabalho de conflito aplicado. “Elicitivo” sugere nesse contexto que a energia relacional dos grupos em conflito oferece o método e a direção da transformação. A transformação de conflito elicitiva, portanto, traz à tona, realça e catalisa o conhecimento existente ou comunitariamente construído com relação à transformação de conflito entre indivíduos, grupos e comunidades, enquanto as abordagens prescritivas preferem modelos pré-fabricados. A definição de Lederach não propõe simplesmente um novo rótulo para técnicas antigas e objetivas. O termo refere-se de maneira fundamental à mudança transracional no entendimento de paz e conflito (Dietrich 2008 and 2011 pp.347-383). Mais precisamente, a transformação de conflito elicitiva é a consequência metodológica da filosofia da paz transracional.

Da abordagem metodológica origina-se uma compreensão do conflito, do trabalho de conflito e do perfil pessoal exigido para um trabalhador de conflito que difere, de forma significativa, das visões convencionais do trabalho de conflito e transformação de conflito prescritiva que pode ser observada, por exemplo, nos manuais das missões das Nações Unidas. Não se trata aqui de disponibilizar manuais, remédios ou soluções pré-fabricadas; trata-se de acreditar na energia transformadora que brota das partes em conflito e de suas relações. E, de acordo com o princípio da ressonância, pressupõe que o trabalhador de conflito perceba essa energia e ofereça uma moldura adequada para a transformação sem assumir a liderança ou impor seus conceitos aos grupos em conflito.

A transformação de conflito elicitiva é um método, uma arte e uma ciência. Darei uma lista de algumas ferramentas práticas. Mas antes de fazê-lo, desejo falar sobre o treinamento de trabalhadores de conflito elicitivos, uma vez que esse método exige habilidades pessoais diferentes e mais sutis do que a abordagem prescritiva. Essa questão deve ser considerada

nos programas de treinamento. Lederach (1997 p.108), já nos anos 90 do século passado, reivindicava um treinamento em *Construção de Capacidades e Relacionamento Estratégico*. Com base nisso, desenvolvemos na Universidade de Innsbruck um programa de treinamento acadêmico que enfoca, entre outros aspectos, as habilidades de contato pessoal dos futuros trabalhadores de conflito. Extraímos dos princípios gerais da psicologia humanística alguns postulados e os ancoramos em nosso currículo. Portanto, os pré-requisitos dos trabalhadores de paz elicitivos consistem em nossa abordagem da consciência dos próprios limites físicos, emocionais, mentais e espirituais; equilíbrio entre a compaixão e autoproteção, e comunicação congruente. Daí decorre que colocamos a personalidade do trabalhador de conflito no foco da atenção em nosso treinamento acadêmico. Consideramos o “trabalhador de paz” como um fator de equilíbrio, apenas outro elemento, um “terceiro” (Ury 2000 pp. 3-29) no conflito, que aqui é entendido relacionalmente como um sistema social disfuncional. Acredita-se que o trabalhador de paz jamais deverá ser neutro ou não-partidário, mas que, no melhor dos casos, deve ser partidário de todos. É requerida alta consciência do Eu, da realidade circundante no campo e dos conceitos de sua própria mente para que não se perca em fantasias, preconceitos e valores, mas seja capaz de ecoar as afirmações, comportamentos, sentimentos, carências e exigências das partes.

As raízes da transformação de conflitos elicitiva na psicologia humanística podem ser facilmente identificadas nesses postulados. Permitam-me recordar as características dos autorrealizadores que Abraham Maslow (1970 pp. 153-172), um dos fundadores da psicologia humanística, apresentou no final dos anos 60 do século XX. Não entrarei no debate metodológico acerca de sua obra, porque em Innsbruck não estamos interessados na discussão sobre quem foi historicamente ou está nesta época autorrealizado, mas usamos a lista de Maslow como se fosse um tipo de orientação, bem conscientes de que poucos alcançam isso. Aceitamos que embora todos, teoricamente, sejamos capazes de autorrealização, a maioria de nós não o fará ou pelo menos apenas num grau limitado. Além disso, Maslow (1970 p.176) afirmou que não há seres humanos perfeitos, ou seja, não equipara autorrealização com perfeição. A autorrealização envolve unicamente atingir o próprio potencial. Portanto, não alegamos criar pessoas que sejam percebidas como homens ou mulheres superiores, da categoria de Gandhi, Albert Schweitzer, Martin Luther King, Nelson Mandela ou Madre Teresa, mas oferecemos uma moldura conceitual possibilitando que nossos alunos testem seu potencial e abalzem sua autorrealização. As pessoas alcançam a autorrealização sempre da sua própria exclusiva maneira, mas há uma tendência de que compartilhem certas características. Maslow identifica 15 características dos autorrealizadores. Eu as amplio com um aspecto inter-cultural e as enumero aqui, um

pouco modificadas, como as 20 virtudes centrais dos trabalhadores de paz elicitivos de acordo com nossa experiência da última década. Assim, os trabalhadores de conflito

1. percebem a realidade eficientemente e têm tolerância à incerteza e ao estresse;
2. aceitam a si mesmos, aos outros e à natureza humana da maneira que se apresentam;
3. são espontâneos, naturais e genuínos em ação e pensamento;
4. são centrados no problema e não precisam de muitos elogios e popularidade;
5. são capazes de concentrar-se intensamente e têm senso de humor construtivo;
6. são benevolentes, solidários, pacientes e preocupados com o bem-estar dos outros;
7. fazem as coisas de maneira criativa, mesmo quando não têm muito talento para elas;
8. são capazes de adotar ou abandonar as convenções, embora não sejam propositalmente não convencionais;
9. são independentes, autossuficientes e autônomos;
10. apreciam experiências simples e corriqueiras;
11. estabelecem relacionamentos, amizades e amor inter-pessoais satisfatórios com algumas pessoas;
12. sentem uma certa necessidade de solidão e privacidade;
13. são democráticos e não preconceituosos;
14. mantêm padrões éticos sólidos, embora não necessariamente num sentido convencional;
15. são capazes de imparcialidade em relação a sua própria cultura;
16. conseguem adotar ou abandonar convenções culturais;
17. são capazes de comparar culturas sem julgamento ou atribuição de culpa;
18. aperfeiçoam suas energias e qualidades constantemente;
19. tratam os conflitos como construtos da mente e não como fatos objetivos que poderiam ser consertados com os remédios apropriados; sabem que os conflitos (somente) podem ser des-construídos na mente das partes (seres humanos);

20. conhecem as “experiências culminantes”: os sentimentos de êxtase, deslumbramento e admiração, a perda de localização no tempo e no espaço.

Embora a maioria dessas características sejam simultaneamente sabedoria popular e cientificamente testadas, o último ponto poderia surpreender porque parece indicar mais uma direção espiritual ou religiosa individual do que um trabalho de paz aplicado a comunidades e sociedades. Trata-se, entretanto, de uma decorrência necessária do sistema de camadas transraciais que discuti anteriormente. Tendo em vista que a consciência espiritual-politória origina-se da experiência, os seres humanos entram neste mundo de tempo e espaço como folhas numa árvore (Naranjo 2005 p.138). Assim produz-se a diferença em sentir, pensar, falar e agir para as abordagens morais, modernas e pós-modernas. Os medos arcaicos da vida e da sobrevivência são apaziguados e as pessoas e a existência são reunidas. Portanto, a procura pela experiência de paz na transformação de conflito elicitiva iguala-se à busca espiritual pela experiência culminante no misticismo.

É possível afirmar que a transformação de conflito elicitiva tem muito a ver com coragem: atrever-se a novas tarefas e métodos e arriscar-se a fracassar; não ter medo de expressar os pensamentos e sentimentos e arriscar-se a se tornar impopular; combinar elementos narrativos de maneira não convencional ou inesperada e com bom humor, e aceitar a intuição como um aspecto legítimo da própria personalidade, que não necessariamente apresenta o mesmo padrão comunicativo da razão. Os trabalhadores de conflito elicitivos compartilham a determinação de encontrar ordem em situações caóticas, o interesse em descobrir problemas incomuns assim como os meios e maneiras de transformação, a habilidade de fazer novas conexões e desafiar pressupostos tradicionais, a habilidade de equilibrar criação de ideias com julgamento e teste, o desejo de estender as fronteiras de sua competência e, além disso, também são mais motivados pela tarefa em si do que pelas recompensas externas como dinheiro, títulos ou reconhecimento.

Esses são tanto o objeto como o método de nosso treinamento em transformação de conflito elicitiva e tentamos inspirar em nossos alunos a confiança de que serão capazes de aplicá-los quando se tornarem praticantes no campo do trabalho de conflito. Porém, mesmo que o lúdico e a intuição sejam um bom começo para o trabalho de conflito, também é bom estar equipado com métodos testados e estar estruturado desde o início para ser flexível quando as inevitáveis surpresas da trabalho de conflito surgirem.

4. MÉTODOS, FERRAMENTAS E PRINCÍPIOS

O conjunto de ferramentas dos métodos aplicáveis na transformação de conflito elicitiva abrange praticamente todas as técnicas conhecidas orientadas para a respiração, a voz e o movimento que têm sido desenvolvidas no âmbito da psicologia humanística, yoga, artes

marciais, dança, meditações dinâmicas, psicodrama, teatro expressivo e outras mais. Norbert Koppensteiner apresenta alguns deles de modo mais extenso neste volume. Outros podem ser encontrados em Dietrich 2011 (publicação em alemão em 2011 e em inglês em 2013). Portanto, enumero aqui sem maiores explicações apenas alguns exemplos, como Respiração Holotrófica, Processo de Clareza, Vipassana, Monólogo e Diálogo Intuitivos, Paralinguística, Mantra, Escuta Ativa, Comunicação Não-Violenta, Interação Centrada no Tema, Five Rhythm Dance, Butô, Capoeira, Aikido, Teatro do Oprimido, Teatro para a Vida, para ficar apenas com alguns.

Oferecemos treinamento básico nestes métodos para os nossos alunos em Innsbruck, mas cada uma dessas técnicas exige muito tempo e prática antes que alguém possa ser considerado um mestre. E ninguém pode ser mestre em todas. Entretanto, conhecer e experimentar algumas delas é decisivo no trabalho de conflito elicitivo. A aplicação de uma específica técnica num conflito deve ser avaliada no local e a responsabilidade é assumida pelo trabalhador de conflito, que recorrerá a sua própria experiência para decidir se a técnica concreta escolhida é a ferramenta adequada. Porém, temos observado que o conhecimento das técnicas aumenta imensamente a fantasia metodológica do trabalhador de conflito. Elas os tornam escoteiros, cientistas e artistas do trabalho de conflito. Ou seja, mediante o conhecimento e a vivência de muitas dessas técnicas, os trabalhadores de conflito ficam inclinados a explorar e experimentar com novos métodos contextuais derivados da situação e da relação com as partes em conflito. É exatamente o que indica o princípio de ressonância elicitivo. Essa habilidade e coragem caracterizam um trabalhador de conflito qualificado. E os tornam capazes de oferecer uma moldura conceitual adequada para as partes em conflito de modo a explorar novas opções e alternativas para a sua interação-transformação. Pois se considera que só é possível falar sobre transformação de conflito bem sucedida quando os grupos elaboram por si mesmos e, por fim, percebem pelo menos três opções (novas) para sua interação e se sentem livres para escolhê-las ou rejeitá-las sem temer punição ou desejar recompensa (Satir et.al. 1991 p.167).

Desde que defendemos o princípio da Interação Centrada no Tema (Cohn 2004 p.206), segundo o qual alguém precisa ser estruturado para que seja flexível na transformação de conflito, desenvolvemos um método específico que chamamos de *mapeamento do conflito elicitivo*. Esse é o assunto principal do volume 3 da minha trilogia "Muitas Pazes", sobre pazes transracionais e transformação de conflito elicitiva. Josefina Echavarría Álvarez apresenta essa ferramenta brevemente neste volume. O mapeamento do conflito elicitivo não é igual ao mapeamento do conflito convencional. É uma ferramenta para achar e conservar a orientação no trabalho de conflito aplicada. Consiste numa ajuda ao trabalhador de conflito na análise das relações disfuncionais para encontrar equilíbrio na confusa teia de temas, níveis e camadas da pirâmide do conflito. Metodologicamente, origina-se mais do

mapeamento mental do que do tradicional mapeamento da crise ou do conflito. Nosso método fundamenta-se nos três princípios: correspondência, ressonância e homeostase.

A correspondência é um princípio tântrico segundo o qual tudo o que acontece entre os indivíduos tem seu equivalente nas pessoas. Assim, a narrativa sobre um conflito interpessoal revela muito ao trabalhador de paz elicitivo acerca dos processos, energias e bloqueios internos das partes envolvidas. Deve-se considerar que toda alteração das questões e relações externas exerce um impacto na condição interna das pessoas envolvidas e vice-versa. A energia de qualquer conflito como uma questão rigorosamente relacional sempre vai encontrar seu fluxo ao longo dessas linhas. O trabalho de conflito, portanto, pode ser iniciada com as camadas pessoais como com as relacionais. O trabalhador de conflito tem apenas que levar em conta o princípio da correspondência e fazer seus cálculos a partir dele quando oferecer a moldura conceitual para a resolução transformadora e, futuramente, quando impulsionar mudanças.

A ressonância também é um princípio tântrico que se aplica em primeiro lugar nas relações dos grupos conflitantes. Ou seja, num conflito nós veremos e ouviremos uma narrativa expressa sobre as controvérsias na superfície, mas as partes simultaneamente ressoam uns com os outros em todas as camadas a que me referi no primeiro capítulo deste ensaio. Uma vez que essas camadas estão interconectadas e influenciam umas às outras, descobriremos que a força motriz de um conflito raramente é o assunto do episódio na superfície, mas um bloqueio ou irritação em uma das camadas mais profundas. A energia da vida deriva-se do epicentro e se irradia por todas as camadas da existência até tornar-se visível na superfície do episódio. Essa radiação é influenciada por todos os aspectos dos encontros e relações humanas. Se for bloqueada ou irritada, nós a percebemos como um conflito. Por conseguinte, a transformação de conflito elicitiva tenta descobrir os aspectos conflitantes o mais próximo possível do epicentro. Já que o transformador de conflito também é um ser humano, ressoará da mesma maneira com as partes. Assim, são muito importantes a autoconsciência e a consciência do que existe em torno, assim como dos próprios conceitos presentes naquele momento. Por essa razão, as habilidades de contatos sutis são fundamentais para os trabalhadores de conflito, pois é inevitável que se tornem um novo elemento do sistema social disfuncional e o alterem com sua mera presença. É preciso, portanto, que tenham consciência do efeito de sua presença, como se relacionam com as partes envolvidas e mudam seu ambiente e relações. Um trabalhador de conflito elicitivo bem treinado contribuirá para o equilíbrio do sistema, enquanto atores inconscientes podem danificar e destruir ainda mais.

Por fim, homeostase é um termo técnico que adotamos da Teoria Geral do Sistema (Bertalanffy 1968 p.195), que descreve a propriedade de um sistema que regula seu ambiente interno e tende a conservar uma estabilidade dinâmica. Os conflitos resultam do

distúrbio da homeostase nos sistemas sociais. A transformação de conflito elicitiva, por isso, contribui para uma mudança gradual no desequilíbrio homeostático num sistema social através da busca do restabelecimento do equilíbrio em todas as camadas, níveis e entre todos os temas, com plena consciência de que, devido ao caráter dinâmico dos sistemas sociais, o equilíbrio não é um status final alcançável, mas tão somente um farol que orienta a ação.

Esses três princípios, baseados na filosofia transracional, são as principais ferramentas para o mapeamento do conflito elicitivo. São úteis para traçar um mapa do conflito, compreender sua “paisagem”. De certo modo, equivalem a bússola, sonar e mapa para o trabalhador de conflito, ajudando-o a fazer uma imagem do conflito. É útil porque dá orientação. Mas ainda é preciso enfatizar que o mapa turístico não é a paisagem; o mapa do conflito não é o conflito, é uma ferramenta útil. Ainda é preciso toda arte e ciência para que o trabalhador de conflito se movimente e atue no conflito social real. Por essa razão, consideramos fundamental o treinamento de todas as virtudes mencionadas acima antes que o trabalhador de conflito possa se envolver nos problemas dos outros.

CONCLUSÃO

A transformação de conflito elicitiva é um princípio operacional que se ancora nos insights da filosofia da paz transracional e oferece o mapeamento do conflito elicitivo como ferramenta para o trabalho de conflito aplicado. Os seguintes princípios são os ingredientes fundamentais para esse tipo de trabalho de conflito: 1) correspondência das camadas intrapessoais e interpessoais; 2) homeostase entre os temas gerais de conflito e 3) ressonância entre as partes, assim como entre o trabalhador de conflito e cada um dos participantes em todas as camadas. É aplicável em todos os níveis da sociedade - principais líderes, nível médio e base popular, pois todos são atores humanos envolvidos pelo sistema mundial global. Em consequência, esse método reconhece a importância das necessidades materiais básicas para a vida humana e, portanto, para as relações humanas, porém pressupõe que os conflitos são raramente desencadeados apenas por uma falta de equilíbrio na distribuição de recursos ou por um simples choque de interesses materiais, seja num contexto individual, comunitário, societal ou global. Baseia-se, sim, na crença de que os conflitos são criados nas mentes dos seres humanos. Portanto, todos os aspectos da natureza humana, não apenas os materiais, devem ser considerados no trabalho de conflito aplicado, uma vez que os conflitos somente podem ser transformados nas mentes dos seres humanos, como tão bem declara a UNESCO (15 de maio de 2013) no preâmbulo de sua constituição de 1945.

Referências Bibliográficas

BERTALANFFY, Ludwig von (1968): General System Theory: Foundations, Development, Applications, New York: Georg Braziler. 296 pages. [First published

BHARATI, Swami Veda (1986): Yoga Sūtras of Patañjali with the Exposition of Vyāsa Vol 1. Samādhi-pāda. Honesdale: The Himalaya Institute. 493 pages

COHN, Ruth (¹⁵2004): Von der Psychoanalyse zur themenzentrierten Interaktion; Stuttgart: Klett-Cotta. 255 pages. [First published 1971]

DIETRICH, Wolfgang (2008): Variationen über die vielen Frieden – Deutungen (= Schriften des UNESCO Chairs for Peace Studies der Universität Innsbruck/1); Wiesbaden: VS Verlag. 436 pages.

[English translation (2012): Interpretations of Peace in History and Culture (=Many Peaces vol. 1) London: Palgrave Macmillan. 329 pages]

DIETRICH, Wolfgang (2011): Variationen über die vielen Frieden Bd. 2; Elicitive Konflikttransformation und die transrationale Wende in der Friedenspolitik (= Schriften des UNESCO Chair for Peace Studies an der Universität Innsbruck/2); Wiesbaden: VS Verlag. Pages

[English Translation (2013): Elicitive Conflict Transformation and the Transrational Turn in Peace Politics (=Many Peaces vol. 2) London: Palgrave Macmillan. 292 pages]

GALTUNG, Johan (1990): ‘Cultural Violence;’ in: Journal of Peace Research, 27/3. pp. 291–305.

LEDERACH, John Paul (1995): Preparing for Peace: Conflict Transformation Across Cultures; Syracuse: Syracuse University Press. 133 pages.

LEDERACH, John Paul (1997): Building Peace: Sustainable Reconciliation in Divided Societies; Washington: United States of Peace Press. 197 pages.

LEDERACH, John Paul (2003): The Little Book of Conflict Transformation; Intercourse: Good Books. 74 pages.

MASLOW, Abraham (1970): Motivation and Personality; New York: Harper & Row. 336 pages

NARANJO, Claudio (2005): The One Quest. A Map of the Ways of Transformation; Nevada City: Gateways Books. [First published 1972]

O’CONNOR, Joseph and John SEYMOUR(1992): Neurolingustisches Programmieren. Gelungene Kommunikation und persönliche Entfaltung; Freiburg: VAK Verlag. 369 pages. [First published in English (1990): Introducing Neuro-Linguistic Programming. Psychological Skills for Understanding and Influencing People; London: Mandala. 249 pages]

QUITMANN, Helmut: Humanistische Psychologie; Göttingen, Bern, Toronto, Seattle: Hogrefe. 314 pages.

RUPPERT, Franz (2002): Verwirrte Seelen. Grundzüge einer systemischen Psychotraumatologie. Munich: Kösel. 480 pages.

SATIR, Virginia et al (1991).: The Satir Model. Family Therapy and Beyond; Palo Alto: Science and Behaviour Books. 398 pages.

UNESCO: The UNESCO Constitution adopted 16th November 1945. http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=15244&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html (retrieved 15th May 2013)

URY, William: The Third Side. Why We Fight and How We Can Stop; New York: Penguin. 251 pages.

WILBER, Ken (1995): Sex, Ecology, Spirituality: The Spirit of Evolution; Boston: Shambala Publications. 851 pages.